TRANSLINGUAGEM E PANDEMIA: DISCUTINDO PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO PARA ALÉM DAS LÓGICAS NORMALIZADORAS

TRANSLANGUAGING IN THE PANDEMIC: DISCUSSING MEANING MAKING PROCESSES BEYOND NORMATIZATION LOGICS

Maria Inêz Probst Lucena[1]
[https://orcid.org/0000-0001-7579-5758]

Cláudia Hilsdorf Rocha[2]
[https://orcid.org/0000-0001-9717-2375]

Ruberval Franco Maciel[3]
[https://orcid.org/0000-0003-0373-1047]
DOI: 10.30612/raido.v15i37.13962

RESUMO: Neste artigo, exploramos modos nos quais a linguagem aparece na crise sanitária mundial do coronavírus, a partir de excertos extraídos da rede. Em meio à aflição e desespero frente à inesperada e letal situação da covid-19, analisamos práticas linguísticas que visam ao acesso à informação sobre saúde pública em relação à pandemia. Com base em teorizações sobre translinguagem, consideramos as recombinações e usos linguísticos que surgiram em meio ao caos e que exibem, assim, uma natureza marcadamente heteroglóssica. Nesse contexto, propomos uma reflexão acerca de como o multilinguismo e a diversidade aparecem no processo de produção de sentidos no momento de crise atual, priorizando a relação entre a linguagem e a informação sobre a crise sanitária. Procuramos contribuir para os estudos da linguagem, refletindo sobre o movimento e fluxo de informações na situação emergencial global, em que fronteiras linguísticas, discursivas, culturais e políticas vão sendo ora impostas, ora derrubadas.

Palavras-chave: Covid-19; Translinguagem; Construção de sentidos.

ABSTRACT: In this paper, we aim at exploring ways in which language emerges in the global health crisis of coronavirus. Considering the unexpected and lethal situation of covid-19, in this work, we discuss aspects of communicative practices aimed at accessing public health information in relation to the pandemic. Our main purpose is

1 UFSC, Florianópolis, Doutora em Letras (UFRGS), lucena.inez@gmail.com

2 IEL/UNICAMP, Doutora em Linguística Aplicada (UNICAMP), claudiahrocha@gmail.com

3 UEMS, Doutor em Letras (USP), ruberval.maciel@gmail.com

to discuss how different linguistic resources have been accessed in the heteroglossic communicative practices that have presently emerged. Based on theories informed by research on translanguaging, we intend to consider the recombination of linguistic uses that emerged in the midst of chaos. We seek to contribute to language studies, by reflecting on the movement and flow of information in the global emergency situation we have been presently facing, in which linguistic, discursive, cultural and political boundaries are sometimes imposed / sometimes overturned.

Keywords: Covid-19; Translanguaging; Meaning Making.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é explorar modos nos quais a linguagem aparece na crise sanitária mundial do coronavírus, a partir de excertos extraídos da rede, problematizando exemplos de práticas de linguagem em manifestações contra o questionamento da hegemonia de línguas, em ações desenvolvidas para a comunicação sobre saúde na periferia e em ações de ativismo, concernentes a fronteiras geográficas e linguísticas. Em meio à aflição e ao desespero frente à inesperada e letal situação da covid-19, analisamos práticas linguísticas que visam ao acesso à informação sobre saúde pública em relação à pandemia. Com base em teorizações sobre translinguagem, consideramos as recombinações e usos linguísticos que surgiram em meio ao caos e que exibem, assim, uma natureza marcadamente heteroglóssica que desafia hierarquias e ideologias linguísticas. Nesse contexto, propomos uma reflexão acerca de como o multilinguismo e a diversidade aparecem no processo de produção de sentidos no momento de crise atual, priorizando a relação entre a linguagem e a saúde.

Em meio a essa dinâmica, mobilizamos o conceito de translinguagem para nos ajudar na reflexão sobre como a comunicação requer a compreensão além da estrutura linguística. Como define Li Wei (2011, p. 1223):

> [...] translanguaging is both going between different linguistic structures and systems, including different modalities (speaking, writing, signing, listening, reading, remembering) and going beyond them. It includes the full range of linguistic performances of multilingual language users for purposes that transcend the combination of structures, the alternation between systems, the transmission of information and the representation of values, identities and relationships. The act of translanguaging then is transformative in nature; it creates a social space for the multilingual language user by bringing together different dimensions of their personal history, experience and environment, their attitude, belief and ideology, their cognitive and physical capacity into one coordinated and meaningful performance, and making it into a lived experience[4].

4 Tradução nossa: A translinguagem significa tanto um cruzamento de diferentes estruturas e sistemas linguísticos, incluindo diferentes modalidades (falar, escrever, sinalizar, ouvir, ler, lembrar), quanto o atravessamento para além dele. O conceito inclui o amplo conjunto de ações por parte de falantes multilíngues, com o propósito de transcender a combinação de estruturas, a alternância entre sistemas, a transmissão de informação e a representação de valores. O ato da translinguagem é então transformativo por natureza; ele cria um espaço para falantes multilíngues mobilizarem e combinarem diferentes dimensões de suas histórias e experiências pessoais e contextuais; suas atitudes, crenças e ideologias; sua capacidade cognitiva e física, dando forma a um ato coordenado e performado, transformando-o em

Esse entendimento acerca da translinguagem é posteriormente retomado pelo autor (LI WEI, 2018) a fim de enfatizar seu potencial transformativo, uma vez que o engajamento nessas práticas dinâmicas de ressemiotização, sempre socioculturalmente situadas, demanda um grande potencial criativo e crítico por parte das pessoas envolvidas nesses espaços de comunicação translíngue. Nesse contexto, ainda segundo Li Wei (2018, p. 22), a translinguagem "reconceptualizaes language as a multilingual, multisemiotic, multisensory, and multimodal recourse for sense- and meaning- making [...]"[5].

Assim sendo, a perspectiva translíngue nos ajuda discutir como outras pistas linguísticas, políticas e culturais compõem os signos com o auxílio de 'ricos e complexos recursos' (GARCÍA; LI WEI, 2014, p. 32). Esses recursos, por sua vez, requerem um processo de interpretação em que estão envolvidos palavras, imagens, símbolos e cores cultura e historicamente específicos e significativos (GARCÍA; LI WEI, 2014; LUCENA, no prelo). Por sua vez, Mazzaferro (2018), ao defender a translinguagem como prática cotidiana de resistência, salienta seu caráter político e capaz de promover transformação social, na medida em que contribui para a formação de espaços em que não somente a forma, mas também a função e o sentido do conjunto de recursos linguísticos e semióticos, são amalgamados, de modo dinâmico, crítico e criativo, com o propósito de viabilizar a constituição de novas ideologias, identidades e subjetividades.

Nesse horizonte, os impactos da covid-19 para as práticas linguísticas cotidianas dão visibilidade a aspectos centrais há muito discutidos pelos estudos da linguagem, tais como fronteiras e hierarquias linguísticas e a relação entre linguagem e classe social (ver GARCÍA, 2009; CANAGARAJAH, 2017; HELLER; McELHINNY, 2017). Esses aspectos, centrados nas desigualdades sociais, nos levam a refletir sobre o modo como significados sociais e culturais são inscritos nas formas linguísticas (JAFFE, 2009), de acordo com propósitos próprios de diferentes grupos. Nesta discussão, procuramos mostrar como, na disseminação da informação sobre o coronavírus, diferentes grupos minoritários vêm questionando e resistindo a práticas de linguagem homogeneizantes, ao longo da pandemia.

Importa compreendermos que não somente novos espaços e povos minoritarizados precisaram aprender a lidar com novos modos de comunicação, mas também novos modos de falar precisaram ser reterritorializados, local e emergencialmente, de modo que a diversidade linguística passou a ser ressignificada (c.f. HELLER, 2006). Ou seja, a pandemia trouxe à tona tensões e conflitos causados pela emergência da comunicação, nem sempre precisa e apropriada para cada espaço. Consequentemente, o vernáculo precisou ser recrutado e passou a ser validado na periferia e o multilinguismo apareceu como a regra em folhetos informativos, em anúncios emergenciais e de cuidados, mas também, para exprimir preconceito e suplantar diferença de raça. Vimos surgir, então, na dinâmica da vida social, um movimento flexível frente à normatização linguística e valorização dos processos de ajustamentos situacionais por conta de propósitos sociais e emergenciais (JAFFE, 2009, p. 50-51).

uma experiência de vida.

5 Nossa tradução: a translinguagem reconceptualiza a linguagem como um recurso multilíngue, multissemiótico, multissensorial e multimodal para o processo de produção de sentidos e vivências.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 354 – 371 | jan/abr 2021

1. MONOLINGUISMO, PANDEMIA E MULTILINGUISMO

Na perspectiva monolíngue, que parece imperar nos diversos campos do conhecimento e em diferentes contextos, fronteiras são enfatizadas e defendidas diante ante sinais de derramamento dos limites por elas impostos. No Brasil, bandeiras e movimentos nacionalistas aparecem sempre que novos termos, expressões ou uma nova sintaxe, aparecem na língua portuguesa. Tornou-se recorrente, em tempos pandêmicos, nas mais variadas situações de comunicação, o uso de novas expressões e, juntamente com as notícias sobre a pandemia, manifestações apareceram em blogs e em jornais acerca do estranhamento em relação ao uso da expressão 'testar positivo', por exemplo (BAGNO, 2020; SQUARISI, 2020). Embora esse não possa ser considerado um enunciado gramaticalmente correto em linhas normativas, ele foi incorporado nas falas cotidianas, causando desconforto para adeptos de uma visão mais conservadora das práticas de linguagem**.** Os argumentos de movimentos mais conservadores evocaram sentimentos de perturbação da identidade, de ameaça colonial e de preocupação concernentes à classe e desigualdade social. Por outro lado, sociolinguistas e linguistas aplicados apressaram-se para explicar, didática e gramaticalmente, a escolha pelo uso tanto da expressão "testar positivo", como também de outros termos, como é o caso do estrangeirismo 'lockdown'. Entendendo como novas criações linguísticas servem para abalar argumentos mais conservadores e nacionalistas, esse segundo grupo de estudiosos apresentou uma série de explicações sobre sintaxe, gramática e o vivo movimento da lingua(gem).

Da nossa parte, o que defendemos é que a emergência linguística trazida pela pandemia e o necessário imediatismo da comunicação permitem que reflitamos acerca da legitimidade de práticas de língua(gens) que trazem significados importantes para contemplar os diferentes mundos, diferentes classes sociais e diferentes línguas (socialmente nominadas, ou não) que habitam o globo. Ou seja, dentre tantas reflexões sobre desigualdade e diversidade, a pandemia nos possibilita refletir sobre a instabilidade da norma como um traço unificador e sobre os desafios postos à hierarquizações e às identidades dos sujeitos (SIGNORINI, 2006, p. 184).

Nesses tempos pandêmicos, em que a pluralidade linguística, sociocultural e identitária se faz bastante visível, a ideia de heteroglossia ou heterodiscurso (BAKHTIN, 2015) nos parece muito apropriada para explicar essa tensão ideológica e discursiva, tão evidentemente presente nas práticas de linguagens emergentes. Esse conceito remete à diversidade de discursos presente na língua/linguagem, quando esta ganha vida e se realiza sócio-historicamente na e pela interação verbal, em um determinado tempo-espaço. Como esclarece Bezerra (2015, p. 12), a noção de heterodiscurso mostra-se vinculada à visão bakhtiniana de "mundo como acontecimento, de realidade como um processo em formação, como o ser constituindo-se pelo discurso". Segundo o pensamento bakhtiniano, o heterodiscurso penetra nas camadas discursivas mais profundas e dialogiza a própria linguagem, evidenciando, assim, toda força geradora e estratificadora das práticas linguísticas heteroglóssicas,

> [...] onde o diálogo das vozes medra imediatamente do diálogo social das "línguas", onde a enunciação do outro começa a ecoar como linguagem social, onde a orientação da palavra entre enunciações alheias se transforma em sua orientação entre linguagens socialmente alheias no âmbito da mesma língua nacional (BAKHTIN, 2015, p. 58-59, ênfase no original).

O heterodiscurso, portanto, está intimamente ligado à estratificação interna de uma língua compreendida como nacional, revelando-se o produto da justaposição dessa língua única em meio a dialetos sociais, falares de grupos e jargões profissionais (BEZERRA, 2015). De modo sucinto, a heterodiscursividade, como esclarece Bezerra (2015, p. 13), diz respeito à ampla e profunda "diversidade de vozes e discursos que povoam a vida social, divergindo-se aqui, contrapondo-se ali, combinando-se adiante, relativizando-se uns aos outros e cada um procurando seu próprio espaço de realização". Como resultado desse tenso e transformativo processo heteroglóssico, emerge:

> [...] um mundo povoado por um heterodiscurso oriundo das linguagens das gerações e das faixas etárias, das tendências e dos partidos, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, dos dias sociopolíticos e até das horas, em suma, de todas as manifestações da experiência humana individual e social e da vida das ideias (BEZERRA, 2015, p. 13).

Assim sendo, compreendemos que as tensões presentes nas práticas linguísticas em um momento histórico marcado pela pandemia da covid-19possam ser percebidas e analisadas com base nesse caldo heterodiscursivo, que se revela, em suas particularidades, como "um universo discursivo povoado por uma diversidade de linguagens e vozes sociais, que são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes semânticos e axiológicos" (BEZERRA, 2015, p. 13).

De modo mais específico, cabe ressaltar que, em meio às tensões heterodiscursivas que marcam nossas interações durante a pandemia, emergem novas formas de comunicação. Nessa perspectiva, importa também registrar que, perante as manifestações de estranhamento e explicações sobre gramática emergente e migrações linguísticas, esses novos termos linguísticos destacam como novas ações – decorrentes da crise sanitária global – requerem novos significados que, por sua vez, acatam e abraçam novos termos linguísticos (JAFFE, 2009). Esses novos termos e regras, ou seja, formas de expressão, são autorizados e sancionados de acordo com interesses e ideologias específicas e isso nem sempre coincidirá com todos os sujeitos a quem elas se destinam. Desse modo, inovações linguísticas, novas combinações sintáticas, transculturais e translíngues promovidas e evidenciadas pela covid-19 podem, efetivamente, servir para a interação e comunicação concreta da informação.

O corpus que apresentamos como base empírica é constituído de textos captados na internet, entre abril e junho de 2020, durante a primeira fase de expansão da pandemia do coronavírus. Eles foram produzidos em diferentes espaços e por diferentes sujeitos pertencentes a diferentes níveis socioculturais. Um desses três textos foi produzido no Brasil e é referente a informações sobre a segurança com a saúde e os cuidados que devemos tomar em relação à covid-19. Ele foi difundido na periferia do Recife pelo 'Coletivo Favelas' e afixado em postes em vias públicas. Os dois outros textos são provenientes da China. O primeiro deles trata-se de uma charge, publicada no site *Language on the move*, em um artigo assinado por Li Jia, intitulado *Corona virus meets linguistic diversity* e o segundo trata-se de uma foto, publicada no site *Language differences spark fear amid the coronavirus pandemic,* em artigo assinado por Stanley Dubinsky, Kaitlin E. Smith e Michael Gavin, da *University of South Carolina*. A charge ilustra a denúncia feita no artigo de Li Jia sobre a valorização diferenciada dada aos textos escritos sobre o coronavírus, em inglês, em contraponto aos

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 354 – 371 | jan/abr 2021

textos sobre o mesmo tema, escritos em chinês, e a consequência desse desequilíbrio para os chineses. A foto, no artigo de Dubinsky, Smith e Gavin mostra um ativista, em Hong Kong, com um cartaz, pedindo o fechamento de fronteiras com a China para evitar a propagação do vírus.

2. A FORÇA DA LINGUAGEM EM MEIO À DESIGUALDADE SOCIAL, NA PANDEMIA

A tragédia do coronavírus evoca a recombinação das identidades e línguas. O vírus não é definido de acordo com um só território, com uma só classe ou etnia. Acumula, na sua trágica e veloz viagem que ultrapassa continentes, múltiplas identidades, classes sociais, etc, unindo repertórios e usos linguísticos - alguns até inimagináveis - que podem ajudar ou prejudicar a veiculação de informações sobre a prevenção da doença. Embora a ideia propagada da comunicação sobre a crise era de que essas informações trouxessem familiaridade com o desconhecido vírus, procurando meios de incentivar a inclusão de todos os sujeitos, muitas delas acentuaram preconceitos e dinâmicas de exclusão. Entendível, então, que as práticas linguísticas escolhidas para lidar com a covid-19 tenham causado, por vezes, estranheza.

Em meio a diferentes exemplos dessas práticas de linguagem espalhadas pelo país e nas mídias (SILVA, 2020), um dos exemplos que escolhemos para discutir aqui, de modo mais aprofundado é constituído por um cartaz, afixado em postes nas favelas do Recife, no nordeste do país. A ação que envolve a elaboração e distribuição dos cartazes é de dois grupos que se identificam com as hashtags *#favela contra o coronavírus* e *#covid-19 nas favelas*.

Diante de folhetos explicativos e de cartazes, escritos em português padrão, podemos dizer que a comunicação em algumas periferias brasileiras foi repensada e o foco redirecionado para "[...] a língua enquanto componente não pronto, anterior ou dado [...] indexicalizando diferentes dispositivos de produção/recepção e diferentes planos contextuais, reproduzindo, transformando ou subvertendo o que, nas dinâmicas dessas práticas, já vinha sendo consolidado enquanto forma, função, procedimento, etc" (SIGNORINI, 2006, p. 186). Ao apontar diferentes planos contextuais, o (re)conhecimento da covid-19 foi/está sendo feito a partir da disseminação de notícias sobre suas particularidades com o uso de recursos móveis, dinâmicos (GARCIA; LI WEI, 2014) e semióticos que ajudam a entender o complexo contexto da pandemia do ponto de vista social, cultural, político e histórico nos quais as pessoas daquele contexto específico estão engajadas, de acordo com a linguagem e vida que eles levam nas favelas. Sabiamente, essas frentes de ajuda, que partem de coletivos ou de iniciativas individuais, hibridizaram a linguagem do coronavírus em imagens, em música, em símbolos, etc.

Com isso, esses movimentos em favelas trouxeram a interpenetração das diferentes línguas brasileiras com mensagens diretas, adaptadas à realidade das comunidades, informando a periferia com funk (GERALDO, 2020), com páginas no facebook (RODRIGUES, 2020), ou com cartazes pendurados em postes (SILVA, 2020), com o objetivo de evitar, especialmente, a divulgação de notícias falsas, além de difundir recomendações e dicas sanitárias em linguagem mais acessível. Há, nessas práticas

CC BY NC SA

comunicativas, uma hibridização discursiva, elaborada criativamente, na qual constatamos o uso da translinguagem como modo de resistência e de sobrevivência (MOITA LOPES, 2008; PENNYCOOK, 2010). Nessas práticas, a periferia, além de se prevenir, questiona e resiste à situação de abandono em que se veem na pandemia.

Figura 1 – Cartaz na favela do Totó em Recife.



Extraído de: *Publica* – Agência de jornalismo investigativo, 2020

O recado no cartaz argumentando que "*O presidente é comedia, ele quer que nós vire balão. Se liga. Não mosca e se der se amoita.*" traz a linguagem coloquial com inventividade, reinventando a mensagem com o português das margens. Nela, o exemplo de como a derramamento de bordas, além do português padrão, é necessário para ali se "viver". Os coletivos fazem o português "funcionar com base nas histórias locais, não como mímica de *designs* globais, mas na expressão de performances identitárias situadas (MOITA LOPES, 2008, p. 333). Perspicazmente, o coletivo, ao atuar na periferia, fez com que a comunicação "se traduz[a] na prática do embaralhamento das linhas de fronteiras dadas como estáveis e nítidas" (SIGNORINI, 2006, p. 188). Ou seja, o coletivo trouxe para o cotidiano das favelas, modos de comunicação translíngues, menos formalizados, com criatividade e inovação (LI WEI; HUA, 2013) e conseguiram, assim, uma reação mais imediata dos interlocutores. Estruturaram, portanto, com recursos semióticos, o discurso, potencializando a sua constituição heteroglóssica e polifônica, de modo que a linguagem local passasse a ter significado especial para o entendimento da pandemia, que se alastra em escala global. Um translinguajamento, em que a relação de familiaridade do coletivo com a comunidade é marcada pelo pronome pessoal (nós) e pela segunda pessoa do singular (tu). Nesse caso, as escolhas sintáticas e lexicais são estruturas de linguagem coloquiais que indexicalizam cuidado (*ele quer que nós se*

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 354 – 371 | jan/abr 2021

vire/ se liga, não mosca, se amoita); são também estruturas coloquiais que indexicalizam identidade política (*o presidente é comédia*) e ainda estruturas que indexicalizam classe/periferia (*ele quer que nós se vire*), como o alvo do enunciado (ver JAFFE, 2016, p. 90). E a coerência ideológica do cartaz se faz porque o enunciado tem a ver com os usos socialmente situados, de acordo com a construção de sentidos em cada campo específico.

A prática linguística no cartaz colado no poste evoca, portanto, a intenção do engajamento de toda a comunidade. E esse engajamento é feito a partir da interpretação de índices que somente são salientes quando interpretados de acordo com o contexto sociopolítico, cultural, político e histórico. Assim, somente compreendendo as características culturais, históricas e políticas do contexto é que o signo será interpretado (JAFFE, 2016). Alinhados com Jaffe, podemos dizer que, nesse sentido, o significado não é somente sensível ao contexto, mas ele também é criado pelo contexto (JAFFE, 2016, p. 92). Desse modo, o enunciado do cartaz na periferia de Recife conseguiu fazer com que relações indexicais fossem reproduzidas naquele contexto particular. A necessária comunicação e informação sobre a covid-19 chegou lá, de acordo com uma específica categoria de interlocutores, e foi necessário que novos significados fossem construídos e dados a práticas estáveis e normativas para que associações indexicais fossem construídas dentro daquele campo linguístico ideológico.

Essa busca do coletivo por uma simetria dos papéis interacionais está relacionada à importância do reconhecimento do contexto que, junto com Signorini (2012, p. 106), entendemos como o reconhecimento "de um contexto sociointeracional outro, que não o da leitura escolar, que sustente[asse] e de[sse] sentido ao jogo das formas que aparecem no texto". Para esse reconhecimento sociointeracional outro, constituiu-se um processo de recontextualização e, nesse processo, o hibridismo de formas não é entendido como deficiência, mas sim como recurso de persuasão usado para convencer o interlocutor (SIGNORINI, 2012).

Esse exemplo da campanha sanitária na periferia do Recife foi trazido nesta seção com o objetivo de ilustrar a discussão sobre novos modos de apropriação da linguagem, e sobre os usos de recursos semióticos e "de um hibridismo não previsto pelos padrões de teorização e avaliação da escrita prestigiados nas instituições escolares e acadêmicas" sobre o qual fala Signorini (2012, p. 98). O modo de fazer campanha desses coletivos apresenta-se como um importante espaço de diálogo sobre diversidade linguística, tão requerido para a discussão sobre hibridismo e translinguagem. No contexto em que a mensagem do coletivo aparece na paisagem linguística da periferia, ela passa a ser percebida como significativa. Nesse caso, o tipo de escrita que não é socialmente prestigiado passa, com a pandemia, a ser visibilizado e legitimado na esfera pública.

Continuando a reflexão sobre como as escolhas linguísticas tiveram impacto na pandemia e o modo como elas foram determinantes na emergência da comunicação, tanto para a solidariedade quanto para a exclusão, discutimos, a seguir, como, na crise do coronavírus, aparece o questionamento sobre a hegemonia do inglês, no domínio de prática da comunidade científica. No momento que especialistas da saúde na China não puderam ter acesso a informações básicas sobre a doença em mandarim, o caráter hegemônico da língua inglesa sofreu contundentes críticas naquele país. Essa discussão, neste presente artigo, está atrelada à emergência de formas de expressão, na urgência de comunicação (científica) em meio à crise da covid-19.

3. A HEGEMONIA DO INGLÊS NA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS SOBRE A COVID–19

Na vida social, segundo Alexandra Jaffe, a interação social pode ter uma multiplicidade de significados e, em meio a esses significados, há momentos em que mesmo a linguagem sendo considerada de alto poder, ela pode, no entanto, ter uma solidariedade baixa (JAFFE, 2016). No caso da linguagem do novo coronavírus, para que tivessem alto poder, as escolhas linguísticas exigiram solidariedade e intimidade. Por isso, elas foram sendo adaptadas de acordo com diferentes domínios de prática (na periferia, em universidades, em hospitais, etc). Os significados do léxico foram sendo compreendidos, por exemplo, à medida que a situação pandêmica foi trazendo para a cena múltiplos campos de referência social e históricos.

Com as particularidades e a necessidade de usos linguísticos específicos em diferentes domínios, um aspecto que podemos destacar é que a covid-19 trouxe à baila a reflexão sobre como hierarquias linguísticas são estabelecidas (HELLER; McELLHINNY, 2017). Embora não nos ateremos à discussão aprofundada sobre o tema, importa refletir como distinções de raça, credo, cor, etc trazem à baila a discussão sobre a construção de ideologias da linguagem. A partir do momento em que o conhecimento e o significado sobre o vírus precisaram ser efetivamente compartilhados de modo emergencial, a dimensão processual da dinâmica envolvendo sujeitos "enquanto seres de relação e em movimento no tempo e no espaço" (SIGNORINI, 2006, p. 183) revelou, por exemplo, que parâmetros de avaliação socialmente prestigiados em relação ao uso de inglês, em domínios científicos, passaram a ser questionados.

Na China, o questionamento surgiu, em meio à pandemia, a partir da reflexão em torno do uso excessivo de inglês para divulgação de artigos científicos. A questão ganhou corpo na área da saúde e muitas pessoas passaram a questionar se o inglês, como língua franca[6], realmente teria sido eficaz para a comunicação local sobre aspectos da saúde. Em um artigo, escrito no início da pandemia, Li Jia (2020) traz o testemunho de médicos que relatam a dificuldade que tiveram em entender a ciência, cujo montante das pesquisas científicas é divulgado na língua anglo-saxônica, no momento em que o coronavírus explodiu na China. Com base nos depoimentos dos profissionais da saúde de não terem tido acesso imediato a artigos sobre o vírus, em mandarim, Li Jia destaca que a pandemia trouxe à tona "a oportunidade de desafiar a hegemonia global do inglês como a língua da ciência" (LI JIA, 2020, s/p).

No momento que explodiu a pandemia, as notícias e recomendações de segurança em relação à doença foram fornecidas, em Mandarim e Inglês, pelos escritórios encarregados de assuntos internacionais. No entanto, segundo a autora (LI JIA, 2020, s/p), a escolha por essas línguas foi feita presumindo-se "que todos os trabalhadores e

6 Segundo Jordão (2014, p. 22-23, ênfase no original), "posicionar o inglês como língua franca constituise em uma tentativa de retirá-lo da normatividade centralizadora dependente das regras estabelecidas pelos falantes nativos (aqueles do círculo interno, conforme a classificação de Kachru, 1985), construindo aos seus usuários – nativos ou não – a possibilidade de que estabeleçam, eles mesmos, as "normas" para o inglês: o uso contextual e efetivo em termos comunicativos é que vai determinar as "regras" para um bom uso da língua. Assim, o foco recai sobre a funcionalidade da comunicação, mais do que sobre normas pré-existentes que regulariam as estruturas linguísticas de forma descontextualizada e a priori das situações de uso mais concretas"

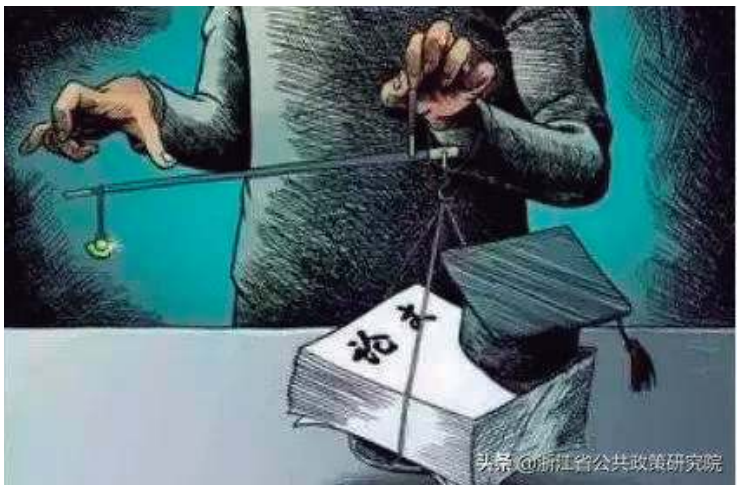
Raído, Dourados, MS | ISSN 1984–4018 | v. 15 | n. 37 | p. 354 – 371 | jan/abr 2021

estudantes na China eram capazes de ler e entender ou Inglês, ou Mandarim". Ocorre que, segundo ela, a realidade apontada em seus estudos sobre o multilinguismo naquele país mostra que a maioria dos trabalhadores e estudantes "lutam" para entender essas línguas. Consequentemente, faltou nos repertórios linguísticos de muitos deles a condição para sobrevivência quando enunciados sobre a crise sanitária foram apresentados nas duas línguas de modo estanque, ou seja, a informação foi fornecida somente em inglês, ou somente em mandarim.

Como consequência da dificuldade de entendimento sobre o coronavírus, especialmente pelo fato de as informações terem sido divulgadas, principalmente, somente em inglês, a autora destaca a força da reação contra a produção monolíngue do conhecimento médico, na comunidade científica chinesa. Ou seja, ela mostra que, em consequência desses movimentos, pesquisadores chineses com artigos, em inglês, sobre o coronavírus, publicados especialmente no *The New England Journal of Medicine* estão sendo alvos de acusações pesadas, apontados como "traidores" e até mesmo como "assassinos" (LI JIA, 2020, s/p). O argumento dos denunciantes é que, por conta da falta de compreensão dos artigos escritos em inglês, muitas medidas efetivas e urgentes deixaram de ser tomadas, o que poderia ter sido evitado caso os avisos e orientações tivessem sido facilmente entendidas pelo povo chinês.

Segundo Li Jia (2020), a reação contra o inglês, como língua franca, na comunidade científica na China, trouxe à baila dois outros aspectos bastante consideráveis. O primeiro ponto diz respeito à denúncia em relação ao montante de artigos escritos por pesquisadores chineses que tem citação no SCI (Science Citation Index), o que representa que o valor pago em taxas e em experimentos pelos pesquisadores chineses a instituições estrangeiras é bastante elevado. O segundo aspecto, por sua vez, envolve a denúncia em relação ao fato de que há uma correlação entre a propagação de artigos acadêmicos em inglês e a diminuição da confiança cultural chinesa. Toda essa discussão sobre a hegemonia do inglês alcançou um patamar alto de interesse da comunidade acadêmica e da sociedade chinesa e, diante da repercussão negativa que insuflou a "pressão das massas", o ministro da educação instituiu uma lei que passou a proibir as universidades de usarem o SCI como um item de avaliação do desempenho dos pesquisadores. Li Jia concluiu que a pandemia causada pela covid-19 fez com que os chineses avaliassem a importância e emergência da publicação de artigos científicos em mandarim e também repensassem "o papel do inglês como língua global da ciência", assim como a "importância da comunicação multilíngue nas línguas menores" (LI JIA, 2020). Na figura abaixo, a charge ilustra a denúncia feita no artigo de Li Jia sobre a valorização dos textos escritos, em inglês, em contraponto aos textos, escritos em chinês, e a consequência desse desequilíbrio para os chineses, durante a pandemia.

Figura 2 – A charge como denúncia da valorização dos textos escritos, em inglês, em contraponto aos textos escritos em chinês.



Extraído de: *Language on the move*, 2020

Embora nosso ponto de discussão neste artigo não tenha a ver diretamente com a hegemonia do inglês ou com o uso do inglês como língua franca, importa trazer esta discussão para refletirmos sobre a necessidade de compreensão da multidimensionalidade sociocultural e do dissenso daquilo que, por vezes, pode parecer ausente de conflito. O entendimento de uma realidade translíngue e dinâmica que legitimasse o uso do repertório linguístico na China poderia ter contribuído para uma coexistência linguística mais pacífica, evitando situações como as discutidas por Li Jia (2020). A covid-19 traz à cena, também, de modo ainda mais transparente, o quanto a transculturalidade merece ser compreendida como um fenômeno presente em todos os cenários sociolinguísticos. A necessidade da interação transnacional emergencial, mas também situada, faz com que a linguagem precise cruzar as fronteiras sociolinguísticas. Ou seja, podemos dizer que, de um certo modo, a linguagem da covid-19 trouxe para a cena conflitos e dissensos mostrados no enfrentamento de lógicas monolíngues, política e ideologicamente impostas pelo senso comum e também pelo mundo científico.

Sem intenção de defender, ou não, o uso do inglês como língua franca na China, importa refletir se teriam outra dimensão e outras saídas, que não as reações tão graves observadas naquele país, caso houvesse a subversão de discursos monolíngues perante a língua inglesa. Nesse contexto, cabe a discussão sobre quais os possíveis efeitos de um olhar alternativo e mais translíngue, a fim de pensar o uso do inglês como um recurso que, em meio a tensões discursivas, ideológicas e políticas, pudesse contribuir para uma interlocução com outros pesquisadores ao redor do mundo. Pelo viés translíngue, sem desconsiderar a complexidade do autoritarismo incorporado por línguas hegemônicas, parece ser possível a emergência de olhares mais expandidos. Cabe refletirmos, portanto, sobre os possíveis impactos de abordarmos as misturas, sem fecharmos o entendimento de um idioma nomeado como um instrumento de silenciamento ou de diminuição de línguas e culturas outras (no caso, a chinesa).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 354 – 371 | jan/abr 2021

Em vez disso, consideramos que o enfoque translíngue, pelo seu caráter não-centralizador, pode contribuir para modos de existência mais plurais e menos autoritários, na medida em que permite a compreensão de que a concorrência de discursos e de repertórios linguísticos não representa perda, mas sim, dinamicidade e, por conseguinte, revela-se uma força transformadora, em potencial. Acreditamos que, nesse viés, em um país como a China, talvez possam ser minimizadas as fronteiras, ainda tão nítidas, entre inglês e mandarim. No entanto, é necessário também perceber que, talvez, mesmo que essas línguas estejam "completamente enroscadas" (SIGNORINI, 2006, p. 174), a situação e o grau de pressão trazidos pela pandemia tenham fortalecido, e muito, o sentimento e a conceituação excludente e nacionalista nas relações travadas entre as pessoas.

Quando discutimos hierarquias linguísticas e ideologias que perpetuam o poder hegemônico de algumas línguas sobre outras, vêm à tona práticas discriminatórias, que servem à manutenção do *status quo*. Em tempos de crise, como esses vivenciados com a pandemia da covid-19, o medo impera, também, servindo como mecanismo de controle e dominação (BAUMAN, 2003). A ideia de proteção parece vincular-se fortemente à representação de comunidade como espaços fechados e vividos com base no exílio voluntário e pelo individualismo exacerbado (BAUMAN, 2003). Tornam-se inimigos todos aqueles que não fazem parte desse lugar, pela ameaça que essas pessoas representam à ideia de segurança mobilizada por essa noção de comunidade. Os diferentes modos de discriminação, entre eles o linguístico, aliado geralmente a um pensamento xenofóbico, emergem como lógica de sobrevivência. Por decorrência, passa a ser importante problematizarmos a questão das fronteiras impostas, a fim de possibilitar a emergência de alternativas que nos permitam enfrentar práticas discriminatórias e opressoras, das mais diversas ordens.

4.OS CONTORNOS TRANSLÍNGUES DA DISCRIMINAÇÃO LINGUÍSTICA

Em uma discussão sobre como diferentes línguas têm suscitado medo e discriminação em meio a pandemia, uma vez que elas revelam a procedência dos falantes, Duminsky, Smith e Gavin (2020) apontam para o fato de que uma possível disseminação do vírus, e o consequente medo de contaminação, aumentou nas pessoas o medo de terem contato com estranhos. Isso acendeu um tipo de alerta para o preconceito em relação a pessoas cujas diferenças, além de visíveis, são também audíveis (DUMINSKY; SMITH; GAVIN, 2020). Para os autores, é pela fala que muitas pessoas estão identificando a natureza de grupos e agindo discriminadamente contra pessoas que falam línguas identificadas como sendo de lugares configurados como epicentros do coronavírus. Consequentemente, pessoas que são avaliadas como falantes de línguas diferentes da língua local estão sendo discriminadas em restaurantes, no transporte público e, até mesmo, sendo agredidas fisicamente. Dentre os principais alvos estariam os chineses, especialmente, aqueles que se encontram em outros lugares da China com o sotaque de Wuhan e falantes de mandarim (a língua oficial da China) que vivem ou que se encontram em Hong Kong, onde o Cantonês é mais comum.

Em Hong Kong, cerca de 90% da população falam cantonês. Muitos nativos da cidade ainda veem o Mandarim como uma língua de um forasteiro. Com a pandemia, os residentes da cidade relacionaram, explicitamente, o mandarim com uma ameaça à

saúde pública e centenas de restaurantes começaram a recusar o serviço para falantes dessa língua. Oportunamente, muitos residentes de Hong Kong, já querendo manter chineses afastados por estarem descontentes com a repressão do Partido Comunista Chinês ao movimento democrático da cidade, se juntaram para pedir o fechamento de fronteira inteiramente.

Dessa situação política, ainda que muito brevemente relatada aqui, interessa-nos especialmente a discriminação linguística e o modo como as fronteiras linguísticas podem ser assumidas como mecanismos de controle em práticas xenofóbicas. Ao mesmo tempo em que ideias nacionalistas legitimam uma só língua como símbolo de segurança dos falantes, esses mesmos falantes usam a mistura e alternância de diferentes repertórios para que possam produzir sentido.

Na imagem que segue, podemos observar um ativista em Hong Kong clamando para a cidade fechar sua fronteira com o resto da China, de modo que a cidade ficasse protegida contra a disseminação do coronavírus. A imagem se mostra representativa, portanto, dos movimentos e manifestações discriminatórios emergentes na pandemia. Mas o que queremos mostrar, efetivamente, é que o cartaz do ativista somente se faz relevante porque evoca posições antagônicas e identidades de pretensos interlocutores a que se destina.

Figura 3 – Cartaz de protesto de ativista chinês.



Extraído de: *The conversation*, 2020

Na foto, no protesto do ativista de Hong Kong, a translinguagem aparece no uso de inglês, mandarim e *emojis* para comunicar o seu interesse em fechar as fronteiras com o restante da China, no sentido de diminuir a disseminação do coronavírus. O cartaz do ativista, ainda que escrito sob uma perspectiva de bilinguismo dualista (GARCÍA, 2009), com os enunciados aparecendo, separadamente, em inglês e mandarim, mostra a quebra de paradigmas monolíngues, uma vez que o enunciado dirigido à China não precisaria de outra língua que não o mandarim. É utilizado ainda o recurso semiótico das figuras de *emojis*, buscando criar identidade com um maior número de pessoas.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 354 – 371 | jan/abr 2021

Ao usar o mandarim, o inglês e a imagem de *emoji*, com três figuras, representando pessoas com os braços cruzados e cujos traços fenotípicos são diferentes dos chineses, *dizendo*: "Não" ou "Não pode", o ativista utiliza múltiplos elementos e recursos comunicativos que reforçam o seu desejo de afastamento do Outro da fronteira próxima que, no seu entendimento, pode lhes trazer problemas de saúde.

O cartaz, em meio ao caos, é um exemplo do uso de recursos comunicativos do mundo moderno em que a emergência da comunicação e a mobilidade de pessoas nos desafiam a compreender as práticas comunicativas com base na interconectividade de signos, na ressemiotização e na reinscrição de imagens (GARCÍA; LI WEI, 2014; LUCENA, no prelo). E, se a interconectividade de sinais e o uso de elementos icônicos são exemplos de usos da translinguagem para expressar afeto - como é o caso do famoso uso do coração na conhecida frase *I ♥ NY* (GARCÍA; LI WEI, 2014, p. 32) - nesse exemplo em tela, ela é utilizada para exprimir exclusão.

Importa refletir que o significado é possível não somente pelo uso de estruturas e códigos, mas sim por todo o entendimento de um cenário político e pandêmico em que esse significado é construído e no qual a ordem sociolinguística e cultural do ativista é intensamente representativa. Ou seja, pistas indexicais são necessárias para o entendimento do cartaz que ele levanta. Sem o entendimento da discussão que aconteceu em relação ao fechamento de fronteiras entre cidades e países, evitando pessoas provenientes de lugares que se tornaram epicentros da covid-19, o fato de um cidadão de Hong Kong estar segurando um cartaz pedindo o fechamento da fronteira com a China, em inglês, em mandarim e com auxílio de recursos semióticos, não teria sentido.

Assim, a translinguagem que aparece no apelo público do ativista em Hong Kong para o trancamento de fronteiras torna o discurso repleto de forças sociais e de autoridade moral (JAFFE, 2009, p. 242). Ao utilizar as diferentes línguas, tais como elas são socialmente nominadas, ele invoca obrigações sociais associadas à empatia local (uso do mandarim) e obrigações sociais associadas à empatia global (Inglês) e ideogramas (*emojis*) populares na linguagem contemporânea. Como escreveu Buttler, "*El virus por sí solo no discrimina, pero los humanos seguramente lo hacemos, modelados como estamos por los poderes entrelaçados del nacionalismo, el racismo, la xenofobia y el capitalism*" (BUTLER, 2020, s/p)[7].

Desse modo, nos contornos da história, a translinguagem emerge evidenciando a força da linguagem, que ora une, ora separa, em um movimento complexo e dinâmico. Em uma sociedade marcada pela profunda crueldade e violência das separações abissais e silenciamentos opressores, que possamos potencializar sua força subversiva e desestabilizadora. Que possamos estrategicamente vivenciar práticas de linguagens que mobilizem o enfrentamento ao monolinguismo e às ideologias dominantes que estruturam modos opressores de existência no mundo contemporâneo. Como defende García (2020), que façamos surgir as manifestações translíngues como uma energia potencialmente capaz de desestabilizar ou minar os espessos muros que, de diferentes maneiras e em diversos graus de intensidade, separam, limitam, diminuem,

7 Tradução nossa: O vírus por si só, não discrimina, porém, nós humanos, seguramente, o fazemos, formatados como estamos pelos poderes entrelaçados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo (BUTLER, 2020, s/p).

deslegitimam e, portanto, causam imensurável sofrimento à humanidade. Que possamos, enfim, resistir e reexistir pela força da (trans)linguagem (SOUZA, 2011), em tempos pandêmicos e também em épocas que os sucederem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia relacionada à covid-19 tem afetado mundialmente a vida das pessoas e tem nos convidado a discutir os processos de construção de sentidos para além das lógicas normalizadas no campo da linguagem. A partir do diálogo proposto neste texto, buscamos problematizar as visões monolíngues e monoculturais, e propusemos uma discussão a partir de lentes que acatam a complexidade das práticas comunicativas em meio à crise sanitária da covid-19. Nessa perspectiva, buscamos contemplar um olhar para os aspectos que levam em consideração a incompletude, o movimento e a fluidez da linguagem em diferentes contextos situados e ideologicamente marcados. Problematizamos usos da linguagem, retirados da internet e os relacionados à pandemia, evidenciando seu caráter translíngue e heteroglóssico. Destacamos como a ideologia monolíngue e monocultural é desafiada por modos dinâmicos, críticos e criativos de construção de sentidos vivenciados por comunidades locais, permitindo não somente a sensibilização às diferenças, mas também potencializando a força de resistência perante práticas hegemônicas de linguagem.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 354 – 371 | jan/abr 2021

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. "Ela testou positivo": Que sintaxe é essa? **Parábola**, São Paulo, 30 mar. 2020. Disponível em <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/ela-testou-positivo-que-sintaxe-e-essa> Acesso em: 01 mar. 2020.

BAKHTIN. M. **Teoria do Romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, noas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da versão russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAUMAN, Z. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BEZERRA, P. Prefácio. *In:* BAKHTIN. M. **Teoria do Romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, noas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da versão russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 7-14.

BUTLER, J. Judith Butler: "De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?". **El País**, Brasil, 10 jul. 2020. Disponível em <https://brasil.elpais.com/babelia/2020quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nossojul.2020..autonomia.S%E3oPaulo: PazeTerra >. Acesso em: 29 ago. 2020.

CANAGARAJAH, S. **Translingual practices and neoliberal policies**. Springer briefs in Linguistics, 2017. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-41243-6_1

DUMINSKY, S; SMITH, K.; GAVIN, M. Language differences spark fear amid the coronavirus pandemic, **The Conversation**, Estados Unidos, 25 Maio 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/language-differences-spark-fear-amid-the-coronavirus--pandemic-137218>. Accesso em 25 maio 2020.

GARCÍA, O. **Bilingual Education in the 21st Century:** A Global perspective. Malden, MA: Wiley/Blackwell, 2009.

GARCÍA, O. Foreword: co-labor and re-performances. *In:* Moore, Emilee; Bradley, Jessica; Simpson, James (Eds.). **Translanguaging as transformation: the collaborative construction of new linguistic realities**. Bristol: Multilingual Matters. 2020. p. xvii-xxii.

GARCÍA O.; WEI L. **Language, Bilingualism and Education.** Palgrave Pivot, London, 2014. https://doi.org/10.1057/9781137385765_4.

GERALDO, N. Funk do coronavírus: conscientiza favela e já tem até passinho. **Universa Uol**, São Paulo, 19 mar. 2020. Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/03/19/funk-do-coronavirus-conscientiza-favela-e-ja-tem-ate-passinho--aprenda.htm>. Acesso em: 20 mar. 2020.

HELLER, M. **Linguistic minorities and modernity**: a sociolinguistic ethnography. London: Longman, 2006.

HELLER, M.; McELHINNY, B. **Language, capitalism, colonialism**: toward a critical history. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

JAFFE, A. 2009. Indeterminacy and regularization: A process-based approach to the study of sociolinguistic variation and language ideologies. **Sociolinguistic Studies**, v.3, n.2, p. 229- 251

JAFFE, A. Indexicality, stance and fields in sociolinguistics. *In:* COUPLAND, N. (Ed.). **Sociolinguistics Theoretical Debates**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 86-112.

JORDÃO, C. M. ILA – ILF – ILE – ILG: Quem dá conta?, **RBLA**, v. 14, n. 1, p. 13-40, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbla/a/VBC45fDYvxV5BXwv mLVDh4m/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 15 jun. 2021.

KACHRU, B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. *In:* QUIRK, R. & WIDDOWSON, HH. G. (Ed.). **English in the world: teaching and learning the language and literatures**. Cambridge University, Cambridge, 1985. p.11-30.

LI JIA. Coronavirus meets linguistic diversity. **Language on the move**. China, 4 mar. 2020. Disponível em:<https://www.languageonthemove.com/coronavirus-meets-linguistic-diversity> Acesso em: 16 mar. 2020.

LI WEI. Moment analysis and translanguaging space: discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. **Journal of Pragmatics**, n. 43, p. 1222-1235, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/1171773/Moment_analysis_and_translanguaging_space. Acesso em 14 jun. 2021.

LI WEI. Translanguaging as a practical theory of language. **Applied Linguistics**, 2018, vol. 39, n.1, p. 9-3, 2018. Disponível em https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10041151/13/Wei_amx039.pdf. Acesso em 14 jun. 2021.

LI WEI; HUA, Z. Translanguaging identities: Creating transnational space through flexible multilingual practices amongst Chinese university students in the UK. **Applied Linguistics** 34/5, p. 516–535, 2013. Disponível em : <https://www.researchgate.net/publication/260095064_Translanguaging_identities_Creating_transnational_space_through_flexible_multilingual_practices_amongst_Chinese_university_students_in_the_UK>. Acesso em 22 jul. 2020.

LUCENA, M. I. P. A translinguagem pode contribuir para a educação de línguas e para os estudos do campo aplicado? *In:* GARCIA, O.; MACIEL, R. **Translanguaging**: uma perspectiva transnacional (no prelo).

MAZZAFERRO, G. Translanguaging as everyday practice. An introduction. *In:* MAZZAFERRO, G. (ed.). **Translanguaging as everyday practice**. New York: Cham: Springer, 2018. Kindle edition.

MOITA LOPES, L. P. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 24**(2), 309-340, 2008. https://doi.org/10.1590/S0102-44502008000200006.

PENNYCOOK, A. **Language as a local practice**. London: Routledge, 2010.

RODRIGUES. C. Coletivos do Rio criam página para orientar moradores de favelas sobre coronavírus, **Época**. Rio de Janeiro, 24 mar. 2020. Disponível em <https://epoca.globo.com/sociedade/coletivos-do-rio-criam-pagina-para-orientar-moradores-de-favelas-sobre-coronavirus-24323294>. Acesso em: 03 jun. 2020.

SIGNORINI, I. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a Linguística Aplicada contemporânea. *In:* MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada INdisciplinar**. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 169-190.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 354 – 371 | jan/abr 2021

SIGNORINI, I. Construindo com a escrita "outras cenas de fala". *In:* SIGNORINI, I. (ORG.) **Investigando a relação oral / escrito e as teorias do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 2001/2012. p. 97-134.

SILVA, J. C. Na ausência do Estado, ativistas informam a periferia sobre o coronavírus. **Apublica.org**. 1 abr. 2020.Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/na-ausencia-do--estado-ativistas-informam-a-periferia-sobre-o-coronavirus>. Acesso em 20 mai. 2020.

SQUARISI, D. Testou positivo? Testou negativo? Nãoooooooooo. **Correio Braziliense**. Brasília, 14 mar. 2020. Disponível em < https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/testou-positivo-testou-negativo-naooooooooooo/>. Acesso em: 07 mai. 2020.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência - Poesia, grafite, música, dança:** Hip Hop. São Paulo: Parábola, 2011.

Recebido em 24/02/2021
Aprovado em 02/08/2021